DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

ESTÁTUA DE NEVE

DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

ESTÁTUA DE NEVE

1890

INTRODUÇÃO, ATUALIZAÇÃO DO TEXTO E NOTAS

NORMA TELLES

2012

ÍNDICE

PRIMEIROS PASSOS 5

REFERÊNCIAS 12

I 13

II 23

PRIMEIROS PASSOS

Norma Telles

Maria Benedita Bormann – Délia foi seu nome de pena - escreveu várias estórias breves algumas das quais os dicionários bibliográficos destacam por título meio a seus romances. "Estátua de Neve" é uma delas, elogiada e comentada por críticos, fato que em um primeiro momento me fez pensar tratar-se de um romance. Porém, ao encontrar o texto aqui reproduzido em *O Paiz* de 1890, ele mostrou ser um conto.

Optei por seguir a eleição dos que lhe foram contemporâneos, assim como dos vários autores de dicionários bibliográficos ou biográficos, e destacar este título em apresentação singular, retirado do conjunto de artigos daquele jornal, do mesmo modo que farei com outros títulos destacados por anotações ou apontamentos antigos.

A literatura *do final do século XIX* é a dos estetas, Simbolistas ou dos Decadentes que bebiam absinto ao lado de Oscar Wilde em Londres, ou circulavam pelos salões parisienses discutindo Verlaine, Rimbaud, Mallarmèe, muito influentes também nos meios letrados do Rio de Janeiro onde eram lidos jornais importados e Paris era tido como centro da cultura. Essas vertentes artísticas se opunham ao cientificismo, ao socialismo e ao Realismo/Naturalismo até então predominantes.

As novas correntes chegaram até nós em plena dominância do Realismo e Parnasianismo e não foram facilmente aceitas pela opinião pública, "embora contassem desde logo com seguidores ardorosos e combativos (Castelo:1999:332)". Os artistas Decadentes eram homens que definiram o movimento estético contra a criatividade e biologia das mulheres como explicita Wilde em *Dorian Gray* ao fazer um personagem dizer que nenhuma mulher é um gênio, faze simplesmente parte do sexo decorativo, é encantadoramente artificial.

Assim, não importa onde, na Europa ou nas Américas, no norte ou no sul, fossem Realistas ou Decadentes os comentaristas que citavam artistas, falavam sempre os homens, e até hoje é deles que nos lembramos quando pensamos em literatura do final do Oitocentos. Escritoras não eram mencionadas, embora, desde as

décadas de oitenta e noventa do século XIX, nos países do hemisfério norte mais do que entre nós, mas também por aqui, as mulheres se fizessem presentes não só como leitoras e personagens de romances, mas também no mercado de trabalho e no mundo literário. No Rio de Janeiro ou em outras cidades brasileiras as escritoras publicavam poesia e ficção, escreviam em jornais de grande circulação como o fez Bormann e em alguns casos chegaram mesmo a ser proprietárias ou responsáveis por jornais e revistas.

"Elas escreviam com uma candura sem precedentes sobre a sexualidade feminina, sobre o descontentamento matrimonial; sobre suas próprias teorias estéticas e aspirações e falavam também para – e sobre – a Nova Mulher do *fin-de-siècle* (Showalter:1993:viii)".

A Nova Mulher do *fin-de-siècle* era uma entidade abstrata criada por uma guerra de artigos de jornais na Inglaterra em 1894, portanto o termo é posterior ao texto de Délia, mas as ideias que engloba eram discutidas e estavam no ar há algum tempo. A expressão se tornou a personificação da questão das mulheres: representava para os outros as virtudes ou os vícios das mulheres. Mediadas por todos os gêneros literários, as escritoras empregaram todos eles - propaganda, alegorias e sonhos, esteticismo, realismo, símbolos - borrando fronteiras e se aproximando do modernismo através das estórias breves fragmentadas para tentar inventar alternativas. "Enquanto os

trabalhos antifeministas tendiam a ser unidimensionais esteticamente, as feministas [mesmo as que não se definiam como tais] escreviam na interseção de inúmeras tradições textuais (Heilmann:1996:197)".

Escritoras não convencionais como Délia precisaram purgar o esteticismo e a Decadência de sua misoginia e "reescrever os mitos que denigriam as mulheres [...] precisaram salvar a sexualidade feminina da imagem Decadente de prostitutas romanticamente condenadas [...] e representar o desejo das mulheres como força criativa na imaginação artística assim como na reprodução biológica (Showalter:1993:xi)".

Os contos breves de muitas dessas "filhas da decadência", como Showalter denomina as escritoras rebeldes do período, abordam, como Délia neste conto, fantasias femininas de sedução. Em geral, elas eram pessimistas quanto à possibilidade de encontrar um companheiro, o Novo Homem. Eram vistas por muitos como 'degeneradas literárias' e suas personagens taxadas de erotomaníacas, como fez o crítico brasileiro Araripe Junior com escritos de Maria Benedita Bormann, visando com isto desqualificar sua ficção.

Em "Estátua de neve" o discurso da diferença surge na figuração de uma contra-imagem feminina, uma personagem que insinua novos valores como independência, respeito a si mesma, experiência, intelecto, força física e mental. Entre as razões para as escritoras do período terem sido esquecidas, Showalter elenca terem escolhido o conto breve como forma, publicá-los em jornais ou revistas e tratarem de temas como o ponto de vista das mulheres sobre sexualidade, estética e busca de alternativas, exatamente como acontece em "Estátua de Neve". Outras estudiosas ressaltam que o elemento explosivo, o que atraia tantas críticas, não era o retrato da sexualidade feminina, mas o da autonomia feminina ligada a um ataque ou rejeição da prática sexual masculina.

O conto breve que na verdade podia ser longo ou ter apenas uma frase, oferecia às escritoras maior flexibilidade e liberdade de tramas do que as novelas ou romances tradicionais que invariavelmente terminavam com o casamento ou a morte da heroína. Sem dúvida os escritores também se sentiram estimulados a escrever estórias curtas e publicá-las em periódicos o que acabou por criar, nas duas margens do Atlântico, um mercado dinâmico para esse tipo de ficção. Os autores eram influenciados pelo realismo dos franceses, pelos naturalistas escandinavos e pela recém-traduzida literatura russa de Turgenev e Tolstoi.

Um dos expoentes dos contos franceses foi Prosper Merimée, autor de histórias memoráveis em torno do tema da violência, paixão e morte. Em especial foi o criador da personagem de longa vida, *Carmen* (1846), uma cigana espanhola que enfeitiça um homem, don José, e é por ele assassinada no final do conto, da ópera de Bizet (1875) baseada nessa mesma trama, ou ainda em filmes contemporâneos. "Foi Mérimée quem localizou na Espanha este tipo de Mulher Fatal que no final do século será colocada, com maior frequência, na Rússia: o ideal exótico e o erótico caminham lado a lado (Praz:1983:207)".

Mérimée viajou longamente pela Europa do leste e pela Rússia e foi um dos primeiros divulgadores daquela literatura que se difundiu por toda parte com a publicação do livro *O romance russo* de Melchior de Vogüé (1886). No Brasil este livro chegou logo e foi base para as discussões de Clóvis Bevilácqua, entre outros, que "considerou a literatura russa uma alternativa às influências de Zola e um modelo de emancipação para literatura brasileira (Gomide:2004)".

"Estátua de neve" reflete esse clima fim de século, ao mesmo tempo em que inverte alguns sinais. Por exemplo, Carmem aqui não é uma cigana cheia de paixão, mas uma mulher que incorpora a força e a beleza da estátua e a luminosidade e frieza da neve em suas

ações; o casal amigo recebe nome de sonoridade russa, embora só possam ser tidos como exóticos devido a compreensão e companheirismo entre os dois, fato singular meio a discussões sobre os desacertos do amor e críticas ao matrimônio.

O título do conto expõe um paradoxo: estátuas são feitas em pedra e duram séculos, enquanto a neve é fugaz. Duração e transitoriedade justapostas. O paradoxo ao colocar lado a lado duas proposições contraditórias desafia a opinião consabida, contem a ambiguidade e a ambivalência e permite novas vertentes. Podemos notar esse movimento em vários pontos do texto embora nem sempre de modo explícito como ocorre com o lado sombrio. A ardente cigana Carmem, do conto de Mérimmé, tida como "um demônio!" e como tal destinada a ser morta, na trama de Délia se torna uma personagem luminosa e fria como a neve, guiada por escolhas e não pela paixão. Ao mesmo tempo, reflete uma superfície em branco sobre a qual uma nova estória pode começar a ser escrita, talvez a de uma "diaba" segura de si que como a mítica Lilith rompe fronteiras e afirma sua autodeterminação.

São Paulo, abril 2012.

REFERÊNCIAS

CASTELO, José A., A literatura brasileira, vol.I. São Paulo: Edusp, 1993.

GOMIDE, Bruno. Clovis Bevilacqua e o romance russo: entre naturalism superior e emancipação literária. São Paulo: Edusp, 2004, consultado in www.inventario.ufba.br/04/bgomide.htm, dezembro 2011.

HEILMANN, Ann, "The 'New Woman' Fiction and Fin-de-Siècle Feminism" in Women's Writing. London: Triangle, vol. 3, number 3, 1996.

PRAZ, Mario, The Romantic Agony. London: Oxford University Press, 2ª ed., 1993.

SHOWALTER, Elaine, Daughters of Decadence. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

I

Era o casal Artof um modelo de união conjugal; conformidade de caráter, mútua estima, e um tom de camaradagem sem arrufos nem desavenças que lhes dava a aparência de dois irmãos amigos e extremosos.

Ricos e de bom gosto, interessavam-se pelas artes, protegiam o talento, impeliam os fracos e os modestos para a arena da luta, patrocinando-lhes as estrias, contribuindo para lhes criar um nome glorioso; e eram felizes, porque não lidavam com ingratos contando em cada protegido um eterno afeiçoado.

Recebiam uma vez por semana em seus esplêndidos salões e as suas reuniões eram citadas pela boa palestra e excelente música; quanto à sociedade compunha-se de toda a boemia ilustre e de algumas mulheres de fino espírito, espécie cada vez mais rara e que acabará por desaparecer de todo.

Em uma dessas reuniões, à meia-noite, estavam no toucador Berta Artof, a dona da casa, e a sua maior amiga Carmem, uma espanhola de trinta anos, no fulgor de toda a sua formosura; alta, branca de neve, cabelos e olhos negros e brilhantes, lábios rubros e úmidos,

dentes miúdos e deslumbrantes, ombros descaídos, colo cheio, mãos e pés pequenos, graciosa e elegante.

— Que saudades tive de ti durante estes dois longos meses! disse-lhe Berta.

— Não te devo nada; foste plenamente retribuída!

— Sim, eu creio, porque aqui estás, tendo chegado, esta tarde e fatigada da viagem. Como Maurício vai ficar contente! exclamou Berta, correndo ao tímpano[1].

Apareceu o próprio marido, que soltou um grito de alegria, abraçando fraternalmente a espanhola.

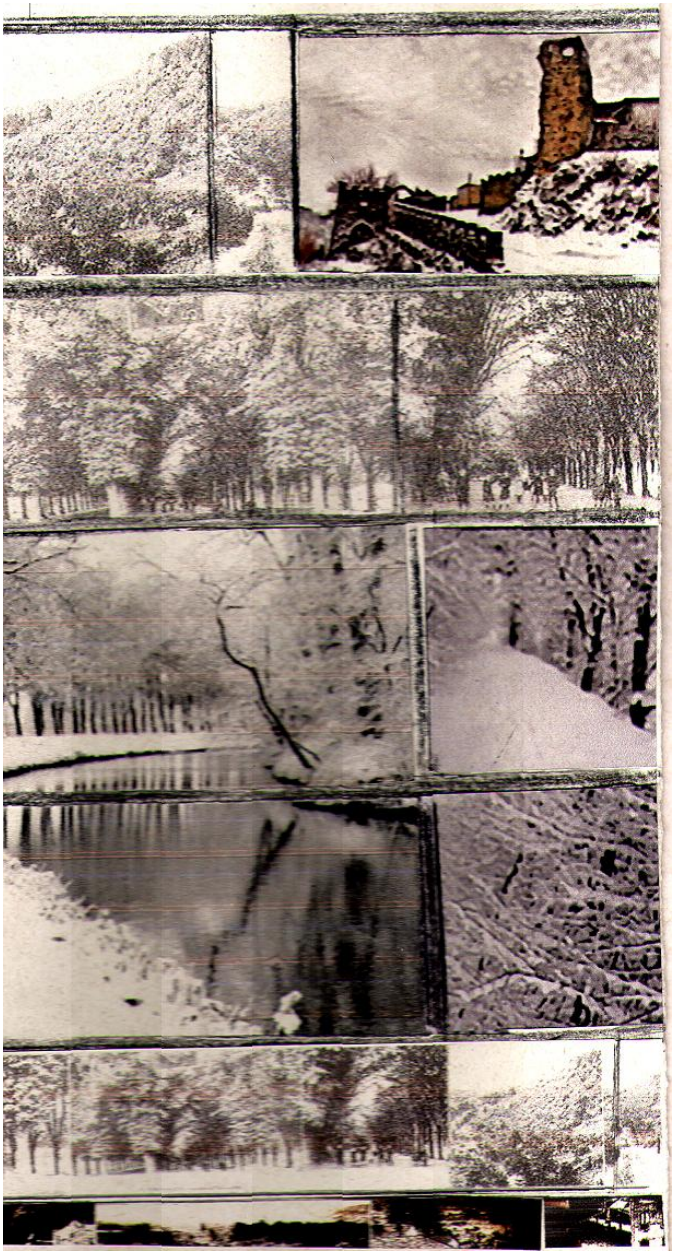
— Ah! vocês combinaram esta surpresa! hein? tanto melhor! - Sou eu só a culpada! interrompeu Carmem. Quis surpreender-te no dia da tua reunião.

— Seria essa amabilidade em minha intenção ou na do amigo sobre quem te escrevi? inquiriu Mauricio com malícia.

— Infelizmente nem mesmo me despertaste curiosidade! Disseste-me que é distinto, instruído e indiferente às mulheres e julgaste assim impelir-me a humanizá-lo; compreendo e agradeço o teu caridoso intento de fazer reviver o meu coração ou mesmo a imaginação, mas afirmo-te que nada conseguiste. Homens interessantes! Mas o teu salão está cheio deles e até com talento, e, no entanto, são-me todos indiferentes.

---

[1] Peça de metal no formato de sino que, como campainha, é percutida por martelo.



— Ah! esses são filhos do século, têm ambição, orgulho, vaidade, sede de triunfo, amam-se muito a si próprios e dispõe de pouco tempo para dedicar-se à uma mulher, porem o meu herói é de outra têmpera e sofre.

— Nesse caso inspirar-me-á a compaixão que me infundem todos os infortúnios, disse a moça.

— Não haverá então algum Pigmalião que te reanime, bela estátua? inquiriu Berta a sorrir.

— Creio que não!

— Ora é que ainda não chegou o momento psicológico! Dêmos tempo ao tempo! ponderou Mauricio.

— Tudo isto tem assim uns ares de romance; Carmem não sente a mínima curiosidade de conhecer a Ivan, ele fica indiferente e apenas sorri para comprazer, ao ouvir-nos gabá-la. Olha, Mauricio, talvez ainda venham a adorar-se! disse Berta.

— O que eu muito estimaria, acrescentou o marido.

— Amem! concluiu a espanhola, rindo.

No salão correram todos os conhecidos ao encontro de Carmem; felicitaram-na, contaram-lhe as novidades do dia, disputaram-lhe a atenção, tendo ela um sorriso e uma palavra amável para cada um deles.

Acharam-na muito bela, desejariam captar-lhe as boas graças, porém não mais lhe faziam declarações amorosas por sabê-las inúteis, alcunhando-a por despeito – a estátua de neve.

Um jovem maestro, no entusiasmo do primeiro triunfo, pediu-lhe que cantasse algum trecho de sua ópera, a fim de satisfazer-se a si próprio e a curiosidade de vários estrangeiros ali presentes.

— Devo prevenir-lhes de que darei bem pálida idéia das belezas da partitura, pois acabo de chegar de uma viagem e sinto-me fatigada, disse ela jovialmente.

Sentou-se ao piano e, depois de alguns prelúdios, cantou com a voz fresca, sonora e educada diversos pedaços de grande efeito, escolhendo os melhores, dando-lhes realce, esquecida do cansaço, adorável de complacência e extasiando o auditório.

Quando só ficaram os íntimos, apresentou-a Mauricio ao seu decantado amigo com quem ela simpatizou; era alto, loiro, olhos azuis, ora tristes, ora perdidos no vácuo, nariz aquilino, boca rasgada, belos dentes, barba curta e sedosa, mãos brancas e moles, vinte e cinco anos e um todo efeminado.

Fitando nos seus os grandes olhos negros, ela causou-lhe uma impressão de audácia mui desagradável, que diminuiu á medida que a via falar e mover-se com a maior naturalidade, esquecida de que ele ali estava; relatava Carmem o que fizera durante a sua residência de dois meses em uma cidade de águas, analisando o que vira e ouvira com fina mordacidade.

Durante a ceia admirou-se Ivan do seu maravilhoso apetite, quando em geral as mulheres comem, ou fingem comer pouco, julgando tornarem-se poéticas e ideais; a proporção que saboreava as iguarias e os vinhos prediletos, titilavam-lhe as róseas narinas,

umedeciam-se lhe os olhos e expandia-se lhe o semblante em uma expressão de ardente volúpia que a tornava arrebatadora.

Com o tempo, tratando-a, vendo-lhe a despreocupação de agradar-lhe, tornou-se Ivan seu camarada, perdendo para com ela a desconfiança que o afastava das demais mulheres; essa não seria perigosa, nem importuna, porquanto era um ser à parte, e bem merecia a alcunha de estátua de neve.

Pouco a pouco se estabeleceu grande intimidade entre ambos, conversavam horas e horas e de manso chegaram até as confidências; concluíram por compreender que sofriam enfermidades opostas; ele não querendo amar, ela, tendo amado em demasia.

Uma feita, disse-lhe Ivan pálido e fremente:

— Amei uma só vez em minha vida e será a última. Quando um homem tem a desventura de afeiçoar-se a uma criatura indigna e reconhece o seu erro, deve arrancar do peito o amor juntamente com o coração e calcá-lo aos pés!...foi o que eu fiz!...

— Há quanto tempo?

— Há três anos.

E tens certeza de que se extinguiu de todo esse afeto? Acho-o ainda tão exaltado!

— Oh! absoluta certeza! Vi-a, não há muito, pelo braço do quarto ou quinto amante e nenhuma fibra se me agitou! respondeu ele sorrindo.

— Que triste reverso têm todos esses amores...Confundirem dois entes as suas impressões, hábitos, tendências, alegrias e tristezas, experimentarem as mesmas sensações, os mesmos transportes, em que por assim dizer se amoldam, adquirindo os defeitos e as qualidades um do outro, para de repente separarem-se, tornando-se inteiramente estranhos! disse Carmem pesarosa.

— Desses males estou eu livre. Durmo e acordo com a mesma isenção de ânimo, sempre pronto para todas as eventualidades, porque não tenho no coração o amor que acobarda, disse Ivan triunfante.

— Julga-se feliz?... Pois eu não o invejo. O Sr. nunca amou, creia. A falta dessa mulher que o traiu, feriu apenas o seu orgulho: se a tivesse amado, sentiria ao menos saudades do tempo em que a julgava fiel e amorosa e até das dores que ela lhe causou!... Diga-me, seu rival era-lhe inferior?

— Não, éramos iguais.

— Ah! sempre o mesmo orgulho ridículo em todos eles, até nos melhores! O que lhes dói não é a infidelidade em si mesma, mas somente a preferência concedida a um outro! bradou Carmem revoltada.

— Não seja tão severa comigo! No primeiro momento só sentia o orgulho ofendido, é certo, porém depois sofri muito! acrescentou o moço gravemente.

— Bem, essa confissão reconcilia-me consigo. Olha, eu sou altiva, porque entendo que a altivez [...][2] é dignidade, mas não me vexo de dizer-lhe que tive momentos de humildade em que me ajoelhei submissa aos pés de entes que valiam talvez menos do que a mulher que o atraiçoou, Ivan, mas então, eu os amava [...].

— A senhora? a estátua de neve?!

— Sim, eu! [...] feliz, sentindo-me preservada do mal de amor, não é verdade.

— É o que eu lhe ia dizer!

Pois se engana. Disponho atualmente dessa isenção de ânimo de que o Senhor tanto se orgulha, voltei a ser valorosa, estou sempre de humor uniforme, visto não ter nem os receios, nem os ciúmes, nem as apreensões das mulheres amantes; vivo enfim nessa calmaria podre, que é o ideal dos que curtem as angústias da paixão, e não me sinto feliz. Ah! é que não se foge impunemente às leis naturais da fisiologia e da psicologia, e eu sou um triste resultado desse desequilíbrio! O que daria eu para amar uma vez ainda, embora a um ente miserável!...Se o amor é para a mulher o mesmo que o rocio[3] é para a flor! acrescentou em voz dorida.

— À vista disso sinto-me duplamente feliz em ser homem! disse Ivan orgulhoso

2 Palavra ilegível no original. O mesmo em outros trechos assinalados com três pontos entre colchetes.

3 Orvalho

II

– Insensato!...é então a felicidade que lhe entristece o olhar, que lhe roubou a alegria da juventude tornado-o misantropo na idade dos sonhos e das aspirações? Criança, o seu mal é justamente a ausência desse amor que tanto renega, e que um dia o fará reviver para padecer e apegar-se à vida! Ame, abra o seu coração à essa emanação celeste que eleva e engrandece a criatura; embora o dilacerem milhares de torturas!

— Não! não quero amar!...Pois se eu nem tenho no espírito esse ideal de mulher perfeita que todo o moço cria e afaga!

— Sem nunca realizá-lo, o que dispensa do trabalho de engendrá-lo. Perfeita ou defeituosa, o senhor aceitará aquela que o destino lhe apresentar, porque o seu afeto emprestará à pobre criatura todos os atributos que ela não tiver. Creia que só deve arrecear-se dos tristes reversos de tão grandioso sentimento.

— Julguei que tamanha sublimidade não tivesse reverso! Redarguiu Ivan afetuosamente irônico.

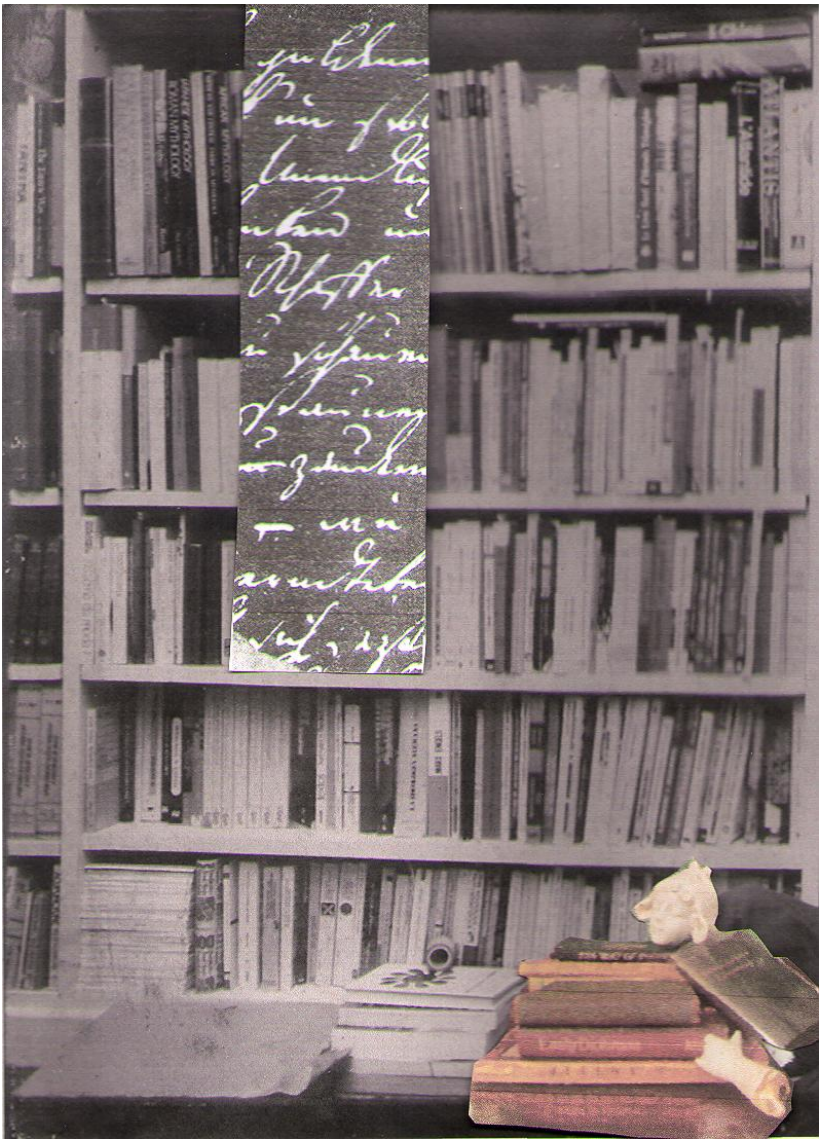
— Não zombe! Essa sublimidade não só tem medonhos reversos, como até pasmosas anomalias. Ouça-me! depois que a minha alma perdeu a faculdade de amar, analiso-me, censuro-me e até condeno-me, o que é de uma alta filosofia. Outrora, a minha única ambição, o meu maior anelo foi sempre o amor exclusivo, soberano e absorvente; pois bem, afim de alcançá-lo, mudei de afetos, dando eu mesma o exemplo da volubilidade e incriminando a outros dos meus próprios defeitos, e tudo isso de boa fé! É ou não uma anomalia?

— Oh! mas é horrível!...E a senhora, não só me prognostica, como me aconselha o amor! Não! não quero padecer nem cair nessas inconcebíveis contradições! Se algum dia sentir o despertar de semelhante delírio, fugirei, mas não cederei ao seu império!

— Pobre criança! disse Carmem, sorrindo-lhe com afetuosa comiseração.

Daí a meses enfastiava-se Ivan em toda a parte onde não via a sua adorável contendora; longe dela as horas se arrastavam, a seu lado perdia a noção do tempo, não mais se lembrava de contradizê-la, e achava que as suas palavras ecoavam-lhe n'alma, despertando-lhe sensações estranhas que o conturbavam e enlanguesciam.

Só, no silêncio de seu quarto, tentava explicar a si próprio a mudança que se operava em todo o seu ser, atribuindo todo aquele delicioso alvoroço unicamente a influência das idéias de Carmem, da sua palavra ardente e insinuante e da amistosa camaradagem existente entre ambos.



Um fato insignificante, porém, esclareceu-lhe a razão e fez-lhe compreender que amava apaixonadamente e que esse amor se lhe infiltrava n'alma de manso, sem que o pressentisse, crescendo dia a dia, absorvendo-o de todo e para sempre; foi um assombro que o paralisou de primeiro momento, e enraiveceu depois, ao sentir-se vencido e subjugado, ele, que se julgara invulnerável.

Carmem enfastiara-se de repente de Paris e voltara ao campo, sem prevenir os Artof, de modo que Ivan não a encontrara à hora da costumada palestra; esperou-a inquieto e aborrecido até muito tarde, tornando-se sombrio e alheio a tudo e a todos, o que muito agradou a Mauricio e à mulher.

No dia seguinte soube que a moça partira sem dizer para onde, e só então, pela angustia que o pungia, compreendeu enfim que a amava e quanto lhe era cara e necessária; tornou-se homem, sofreu imenso e chorou, pagando esse doce e preciosos tributo das lágrimas.

Duas semanas depois, voltou Carmem e encontrou-o à porta de sua casa, pálido, abatido, com o olhar de alucinado, nesse período de exaltação em que se perde a noção de todas as conveniências sociais; em um relance adivinhou a moça o que ele experimentava e, para prevenir uma indiscrição diante dos criados, disse-lhe afetuosamente:

— Agradeço-lhe meu bom Ivan, a sua atenção em vir ao meu encontro. Subamos e conversemos um pouco; quero saber notícias de todos os nossos amigos.

Atônito, seguiu-a ele, trôpego, sem ideias, parecendo-lhe que aquela escada não acabaria nunca; ao ficarem sós, caiu sobre o divã, rompendo em soluços.

Surpresa e consternada, acercou-se dele Carmem e tomou-lhe a mão, dizendo:

— O que é isso, Ivan? Acalme-se!

Descobrindo o rosto orvalhado pelo pranto, exclamou:

— O que é? é o amor! esse maldito e decantado amor que a senhora tanto me vaticinou! Realizou-se a profecia, creia, e agora, o que me aconselha?

— Meu deus! receio compreender! balbuciou ela angustiada.

— Ah! receia? pois saiba que a amo como um louco, que esse amor é a minha vida e que sem ele morrerei! Saiba que esse amor penetrou sorrateiramente em minha alma sem que dele me apercebesse! Foi essa ausência cruel e brusca que me desvendou a verdade inteira, ofuscando-me e transtornando toda a minha existência! Ah! Carmem! sou bem insensato em ousar confessar-lhe o meu afeto, não é exato?

— Não meu amigo, a insensata fui eu. Esqueci-me de que ainda não estou bastante velha para aproximar-me sem perigo de um rapaz da sua idade e para falar-lhe sobre assuntos melindrosos; asseguro-lhe, porém, de que a intenção era boa e por isso perdoe-me.

— Nada tenho a perdoar-lhe e, já que o meu destino é amar, prefiro amar à senhora do que a outra qualquer, Carmem, pois é a

mais bela e a mais digna de adoração. Só lhe peço em troca um pouco de afeto, e julgo que não mo negará! pediu aflito.

Mais pálida do que ele, mais infeliz ainda, apertou-lhe a mão que conservava entre as suas, e disse-lhe pausadamente:

— Prezo-o muito, Ivan, e procurarei compensá-lo do melhor modo, mas deixe-me descansar e refletir, pois estava muito longe de prever semelhante eventualidade. Vai, não se aflija, acalme-se e só volte quando eu o mandar chamar.

— E até esse momento não a verei?

Depois de hesitar um pouco, respondeu a sorrir:

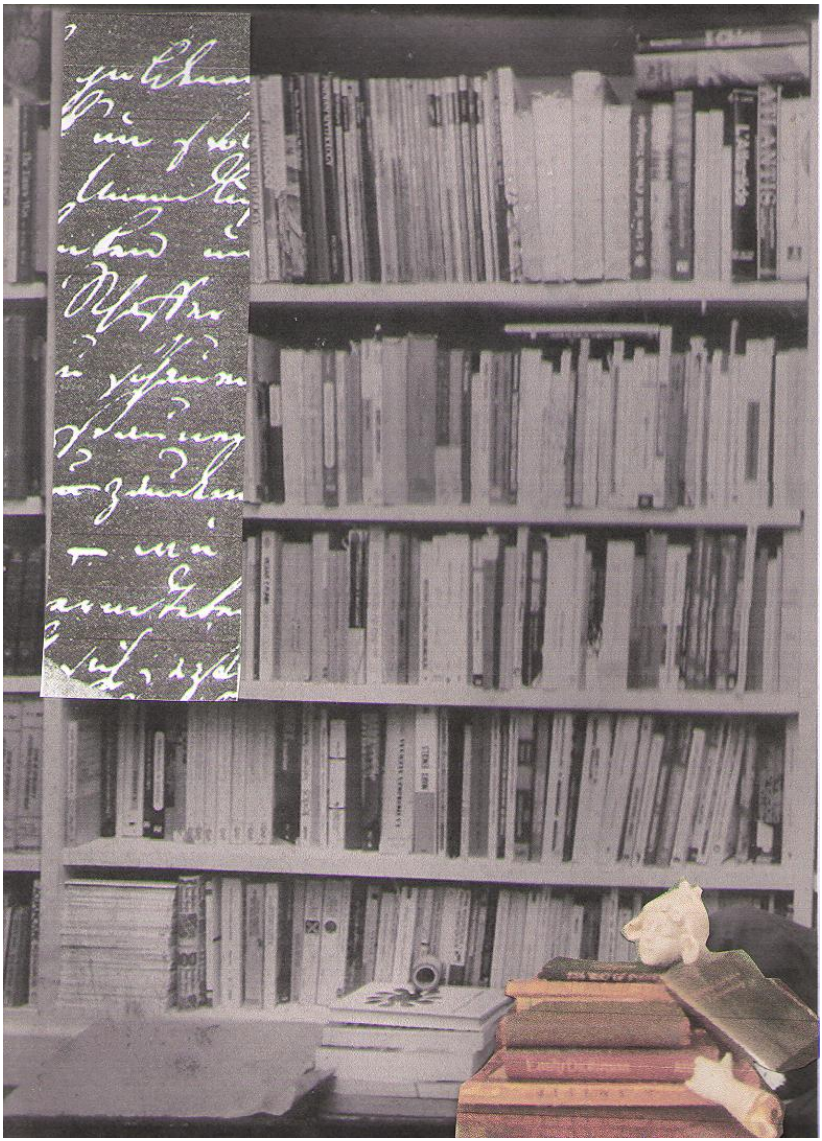
— Bem, encontrar-nos-emos em casa de Mauricio, mas não falaremos sobre este assunto, sim?

— Obedecerei, embora me custe! replicou ele, beijando-lhe a mão e retirando-se.

Cumpriu o que prometera; encontrou-se todas as noites com o moço, acalentou-lhe as impaciências de conhecer a sua determinação e no oitavo encontro, ao despedir-se, disse-lhe:

— Amanhã não virei aqui, porém depois de amanhã, saberá a minha decisão.

No dia marcado, achavam-se reunidos e palpitantes de ansiedade, à espera da espanhola, Berta, Mauricio e Ivan; à tarde recebeu o apaixonado a seguinte carta:



"Ivan – fiz tudo quanto de mim dependia para corresponder ao seu amor que é o afeto de um homem de bem, mas o meu coração conservou-se mudo e insensível".

"Sinto-me capaz de querê-lo como uma irmã, uma amiga dedicada, quase como mãe, porem não são esses os transportes que você deseja e que tem o direito de reclamar. O que me consola do pesar de não poder realizar a sua aspiração é o meu triste conhecimento da instabilidade humana. Minha pobre criança, lembra-se daqueles tristes reversos de que tanto lhe falei? Ao menos o seu amor não conhecerá esse desolador contraste! Como seria horrível, Ivan, deixar você de amar-me, para odiar-me, ou para aborrecer-me, o que é muito pior!...Não, assim, o seu afeto permanecerá sempre na mesma fase, não aterá amanhã, nem ontem, nem satisfação, nem saciedade!...Mais tarde, você me agradecerá este meu aparente egoísmo de hoje; importa em um tormento, é certo, mas são esses dissabores da juventude que operam as salutares evoluções morais. Reaja, procure suplantar o desgosto; há tanto objetivo para ambição e para a vaidade de um homem! Nada perdeu em não conquistar o meu coração que está gasto e que, por conseguinte, nada vale. Um dia, fatigado e enfastiado como eu, você também torturará um nobre coração cheio de dons e de sensibilidade, e não será por isso nem pior nem melhor do que eu e do que tantos outros – pois se é esta a lei da vida. Ah! eu bem lhe dizia que das nossas duas enfermidades, só a minha era a incurável – não mais poder amar!...Vou para muito longe, não me verá durante anos e a cura se fará, pois a ausência é a maior inimiga do amor, e o tempo fará o resto. Adeus, amaldiçoa-me se isso puder aliviar-lhe as torturas e creia que nunca teve, nem terá melhor amiga do que a sua afeiçoada – Carmem."

Ivan caiu como fulminado. Berta e Mauricio ficaram consternadíssimos; a solicitude de ambos auxiliou a robustez do moço, que aos poucos recuperou a saúde e provavelmente mais tarde compreendeu que a bela espanhola tinha razão.

Délia

Novembro de 1890.

Publicado em *O Pais* em

14 e 15 de dezembro de 1890.